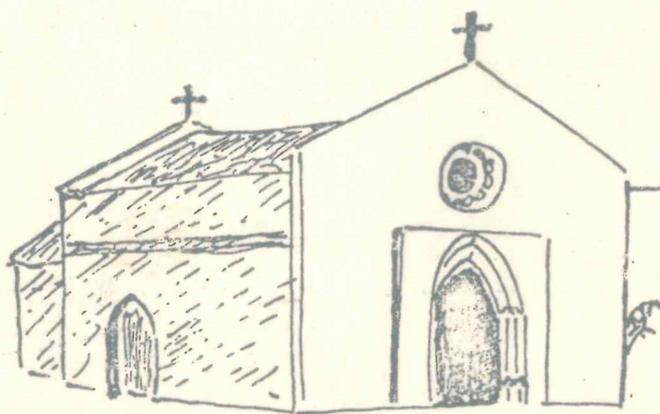
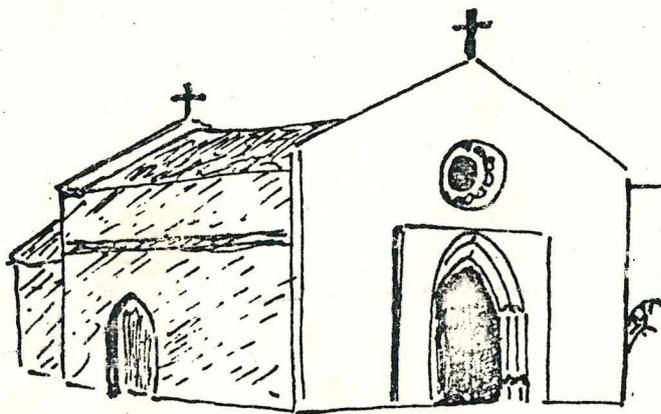


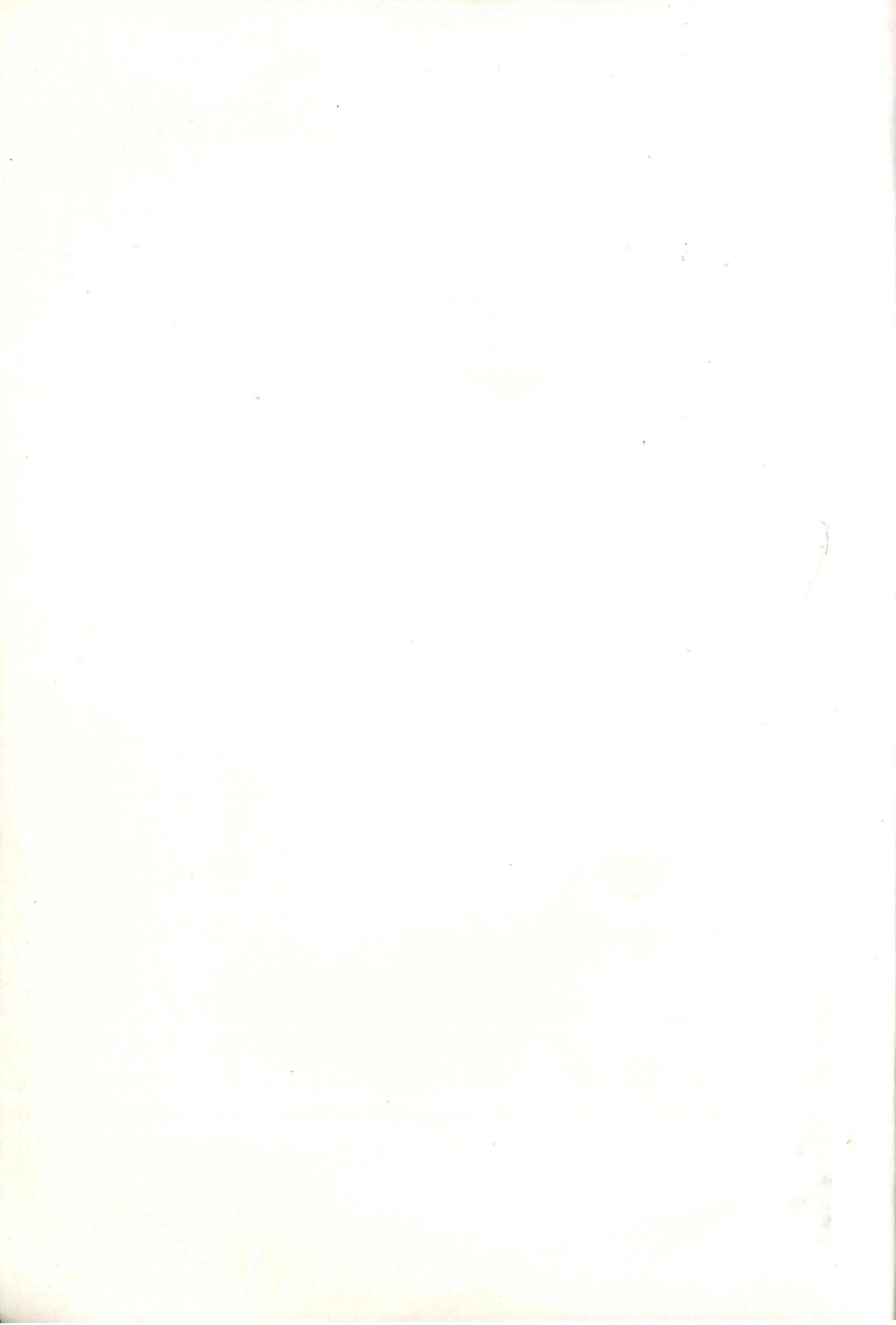
AS SIGLAS  
DA IGREJA MEDIEVA  
DE  
ABADE DO REIVA  
BARCELOS





AS SIOGLAS  
DA IGREJA MEDIEVAL  
DE  
ABADE DO REIVA  
BARCELOS



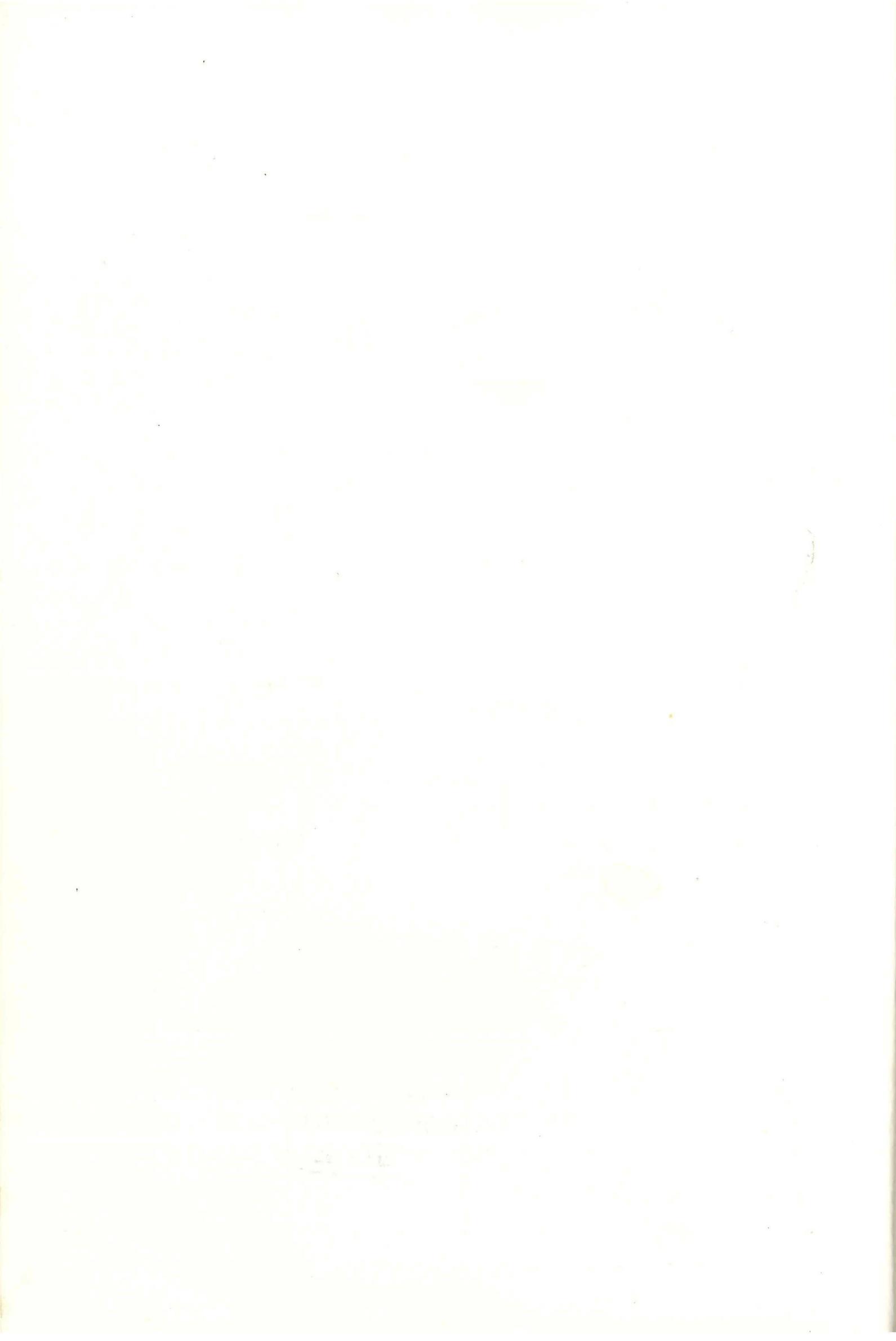


AS SIGLAS DA IGREJA MEDIEVAL DE ABADE DO NEIVA - BARCELOS

.....

- 1 - INTRODUÇÃO.
- 2 - AS SIGLAS DE ABADE DO NEIVA.
  2. 1 - Número e Variedade.
  2. 2 - Sentido da disposição.
- 3 - O QUE SÃO SIGLAS ?
  3. 1 - Siglas, marcas de posse.
  3. 2 - As marcas dos pescadores.
  3. 3 - Registo e cronologia.
  3. 4 - Finalidade.
- 4 - BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS.





AS SIGLAS DA IGREJA MEDIEVAL DE ABADE DO NEIVA - BARCELOS



1 - INTRODUÇÃO

Abade do Neiva é uma pequena freguesia do concelho de Barcelos, vizinha da cidade, tendo limites, pelo sul, com S. Martinho de Vila Frescainha, pelo norte, com Santa Leocádia de Tamel e Silva, pelo nascente, com S. João de Vila Boa e Lijó, e pelo poente, com Vilar do Monte e Creixomil. É zona predominantemente rural, embora grande parte da sua população mais nova trabalhe agora e prefira as actividades ligadas ao comércio e às fábricas.

Primitivamente Abade do Neiva era conhecida por Santa Maria de Condevão, Santa Maria de Vado e Santa Maria de Abade (1). Pertenceu ao julgado do Neiva, até à sua extinção, que deve ter ocorrido pelos inícios do século XV, depois do 8.º Conde de Barcelos, D. Afonso, ser investido na posse do condado de Barcelos e das terras de Neiva e de Faria, bem como de outras.

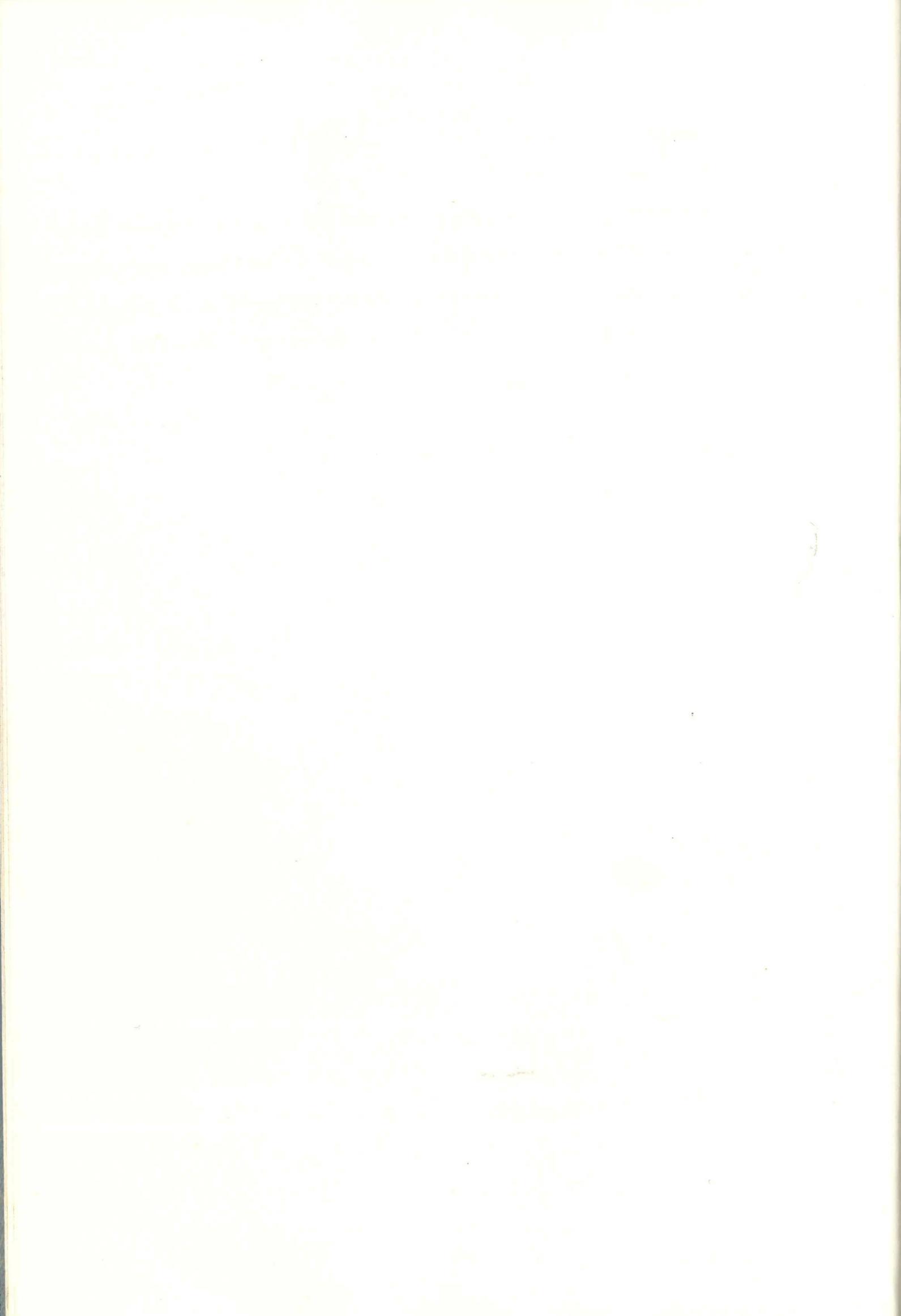
O monumento mais importante que Abade do Neiva possui é a sua velha igreja. Teotónio da Fonseca dá a entender que aqui foi começado um mosteiro pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, o qual não foi acabado, restando unicamente a igreja, que se destinava ao mosteiro, e que depois ficou a ser igreja paroquial(2). Arquitectonicamente, a janela e duplos cachorros de proa da cabeceira, o portal principal sem tímpano, as bases, capiteis e decoração, com flores de lis, da entrada, são indícios de uma época posterior, talvez depois do começo do século XIV(3). Embora Carlos Alberto Ferreira de Almeida considere que devem ser dois mestres distintos na elaboração do monumento, bem diferenciados na capela-mor e corpo da igreja, tudo parece indicar, pela análise das próprias siglas, que nesta obra não há diversificação de operários e de tempo. Tal afirmação fica, aliás, de harmonia com o pensamento do citado autor, para o qual "a



capela-mor, embora seja mais evoluída que o corpo da igreja, nada indica que este lhe tenha de ser anterior" (4).

Falta documentação rigorosa quanto à feitura desta igreja, restando unicamente as características arquitectónicas, que podem ser analisadas por comparação. Dáí a grande importância do estudo das siglas que aparecem nas paredes da igreja - e já não aparecem nas da torre vizinha, de aspectos defensivos e senhoriais, posterior à igreja, talvez já do século XV.

A análise dessas marcas de artífice gravadas na igreja medieval de Abade do Neiva, manifestação de uniformidade paleográfica e cultural, nos seus conjuntos simples, predominantemente alfabéticos, sugere-nos uma cronologia que ronda pelos fins do século XIII e primeira metade do século XIV.



O conhecimento actual sobre siglas de canteiro, que adornam numerosos monumentos medievais (românicos e góticos), não é encorajador para a preparação de um estudo monográfico do género, muito menos de um estudo de conjunto e comparativo. Faltam, na verdade, trabalhos sobre siglas dos nossos monumentos. Alguns estudos parcelares foram lançados entre nós, mas não passaram de meras tentativas. Pensamos que a primeira iniciativa valiosa de explicação das siglas medievais, está na obra já citada, Arquitectura Românica, de C. A. Ferreira de Almeida.

A recolha das siglas dum monumento oferece tremendas dificuldades, principalmente quanto às paredes exteriores, já que elas se encontram geralmente cobertas de musgo ou enegrecidas pelo tempo, sendo necessário um trabalho de limpeza, com escova de aço, pedra por pedra. Não se imagina o trabalho e o tempo que certas siglas exigem! Outras vezes, é o desgaste da pedra, efeito do tempo, com fracturas produzidas pelas mudanças bruscas de temperatura, que leva à confusão e impossibilidade de distinguir a sigla. Muitas paredes sigladas estiveram cobertas de argamassa forte durante séculos, como aconteceu em Abade do Neiva, e mais tarde a limpeza não foi total, ficando encoberto o traçado destas marcas primitivas - este motivo estará na razão da dificuldade de reconhecimento de siglas nos pontos altos. Para além disso, o estudo das partes altas torna-se ingrato por falta de meios adequados: seria necessário a montagem de andaimes à altura dessas pedras, para as limpar e as ler...

Foram estes problemas que nós tivemos e que procuramos vencer com coragem. E conseguimos-lo, em parte, pois as falhas não são significativas.

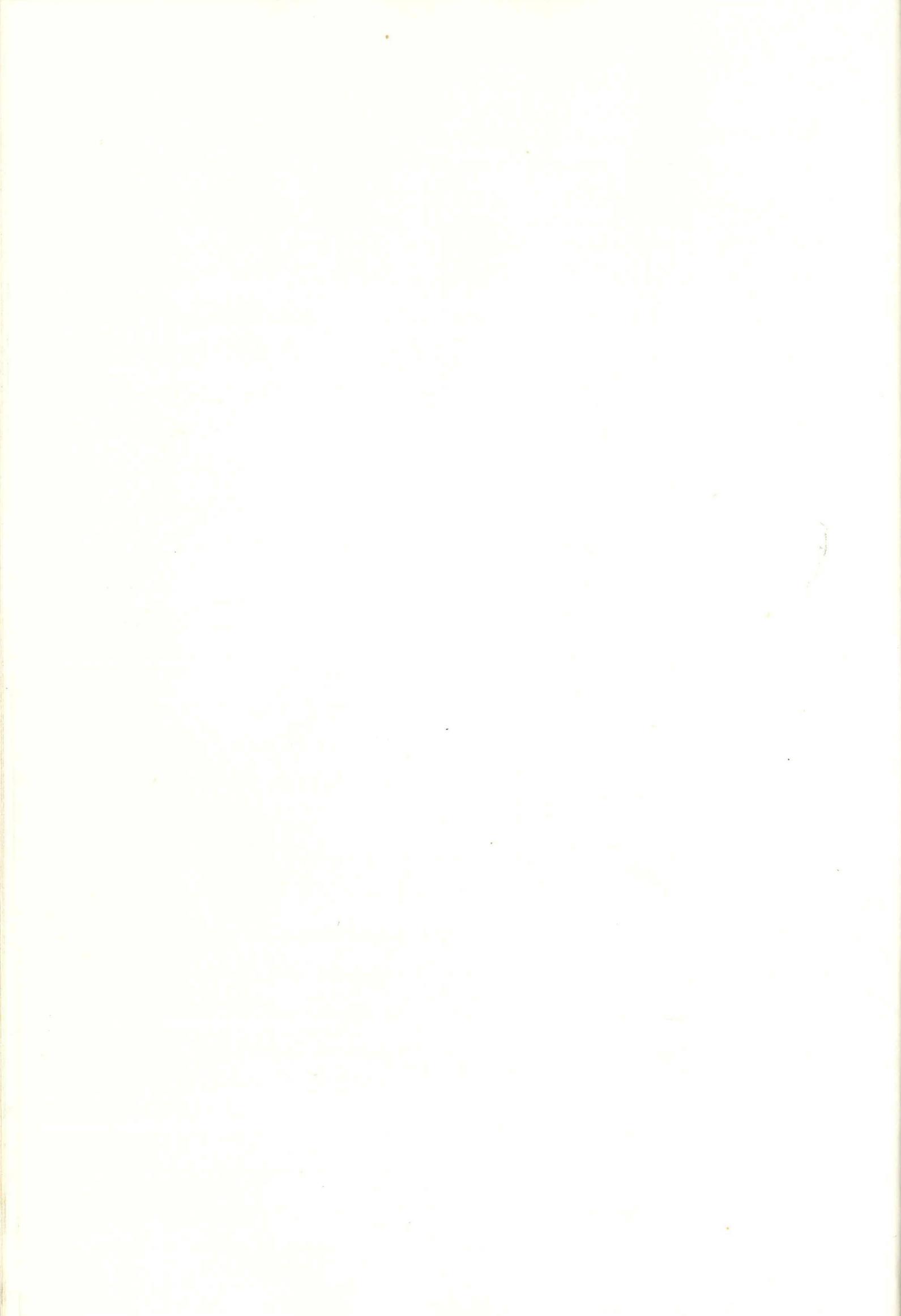
As siglas da igreja de Abade do Neiva distribuem-se uniformemente pelos diversos panos, interiores e exteriores, que compõem o monumento (Est. I a IX). A sua menor densidade está na Frente Exterior (Est. I) e na Traseira Exterior (Est. V), especialmente na parte mais alta. Enquanto que na Frente Exterior elas não foram divisadas em razão de não se poder chegar às fiadas mais elevadas, nem sequer subindo as escadas mais altas, e do chão ou das escadas elas não se distinguem,



mesmo com o clarão de focos eléctricos projectados de noite, - quanto à Traseira Exterior, pudemos observar bastante bem toda a superfície e cremos que na parte superior não existem siglas visíveis. A explicação pode estar na natureza da parede, que é simples (não dupla), a partir da cachorrada.

Toda a construção, excepto a parte superior da Traseira Exterior referida, é de parede dupla. Uma observação sucinta pelos buracos existentes dentro da igreja, onde, até à última reforma, assentavam as traves que seguravam o coro, comprovam a nossa afirmação. Por aí se vê que as pedras de cantaria só estão totalmente alisadas na parte exterior; a parte contrária encontra-se mais ou menos em bruto e as restantes, sumariamente picadas, o necessário para a pedra poder assentar satisfatoriamente, obrigando ao emprego de calços, como podemos verificar. Esta análise vem derrubar, pelo menos quanto a Abade do Neiva, a teoria de que se a sigla não está à vista, é porque se encontra nas outras faces da pedra. Aqui não acontece tal. As pedras não sigladas ou nunca as tiveram, ou foram postas mais tarde nas paredes, a quando dos arranjos posteriores, já fora da tradição das siglas. Só poderá haver siglas ocultas, no nosso caso, na Traseira Exterior, onde, como dissemos, a parede é simples a partir dos cachorros da cornija, podendo, então, as siglas estar voltadas para o telhado ou cobertas pelas outras pedras.

O facto de as siglas aparecerem em menor número nas partes altas também pode explicar-se por alterações sofridas na primitiva planta do monumento, tendo-se elevado as paredes da Frente e da Traseira, possivelmente para dar mais inclinação ao telhado. Nesse caso, a elevação far-se-ia com pedra assiglada. Há alguns indícios de que isso tivesse acontecido, mas não são totalmente esclarecedores. Emitimos a opinião de que "nesta obra não há didiversificação de operários e de tempo", e, na verdade, para além das razões que apontámos, não se nota no interior da igreja qualquer mudança substancial do traçado pristino - mas poder-se-iam erguer as paredes referidas sem que se fizessem grandes transformações no interior, hoje verificáveis. Observando a Frente Interior e o Corte Transversal pela Nave, (Est. II e VII), repara-se como são raras lá em cima as pedras sigladas. Mantemos, no



entanto, quanto ao essencial, a opinião apresentada, da construção simultânea, agora com esta ressalva de mera possibilidade.

Muitas pedras novas foram incorporadas no monumento, ainda no último restauro, levado a efeito pelos Monumentos Nacionais. Sabemos, com efeito, que "as frestas... do lado direito foram rasgadas em janelas para darem mais luz ao templo" (5). As frestas actuais, desse lado direito, o Exterior Sul e Interior Sul (Est. VIII e IX), são novas. Conhece-se isso perfeitamente pela falha de siglas na área circunjacente, surgindo uma ou outra sigla em pedra naturalmente reutilizada.

Em algumas zonas da igreja notam-se pedras salitradas, outras moídas, com as faces, parcial ou totalmente, desfiguradas, tendo desaparecido as siglas; outras novas se encontram também, que vieram substituir as que envelheceram, e não têm siglas. Estas alterações, com substituição por pedra assiglada, estão bem claras nas pedras sigladas da sacristia (Est. VIII) e da capela-mor (6), no pavimento.

## 2. 1 - Número e Variedade

Das 3 305 pedras analisadas, 1 551 possuem siglas, correspondendo a uma percentagem de 47%. Se estudarmos os quadros A, B e C, apresentados em anexo, deparamos com uma elevada percentagem de siglas alfabéticas, simples, muito usuais nos fins do século XIII e princípios do XIV, tanto em Portugal como na Europa (7).

Para melhor compreensão, apresentamos os seguintes quadros:

### Siglas repetidas mais de 100 vezes

T	.....	351
P	.....	288
S	.....	262
α	.....	171
L	.....	131



11

Siglas repetidas entre 50-100 vezes

└	.....	89
♂	.....	88
I	.....	67
o	.....	53

Siglas repetidas entre 10-50 vezes

E ou M	.....	39
+	.....	37
o	.....	20
∞	.....	11

Vê-se como é grande o contingente das siglas alfabéticas, sendo as mais repetidas as letras T, P e S. É certo que elas aparecem em várias posições (cf. quadros A, B e C), mas isso explicar-se-á pela necessidade de ajustar a pedra pelo melhor ângulo possível, obrigando à inversão da marca - e parece, até, que o canteiro gravava o seu sinal de qualquer maneira, sem cuidar de o orientar. Claro que esta variedade de posições explicam-se melhor admitindo a hipótese de se fazer a siglagem na pedreira ou "oficina", e não na obra.

Algumas siglas aparecem em disposição totalmente contrária ao normal. Assim, temos 38 (8) 8 e 41 J. Pertencerão estas siglas às mesmas pessoas que assinavam o S e o L? Serão marcas de canteiros diferentes?

Detectámos também diversas siglas ideográficas, formadas por símbolos que sugerem o nome ou apelido do artífice. A que nos apareceu com mais frequência, 88 vezes, foi o que nos parece uma chave ♂ muito simples, muito arcaizante, e que julgamos atribuí-se a alguém que tivesse o apelido de "Chaves". Uma vez esta marca aparece acoplada ; duas vezes aparece o desenho mais perfeito, com uma espécie de "pique" poveiro na extremidade, embora de sentido contrário. São exemplos muito raros para se poderem tirar conclusões. Mesmo assim arriscamos para essas



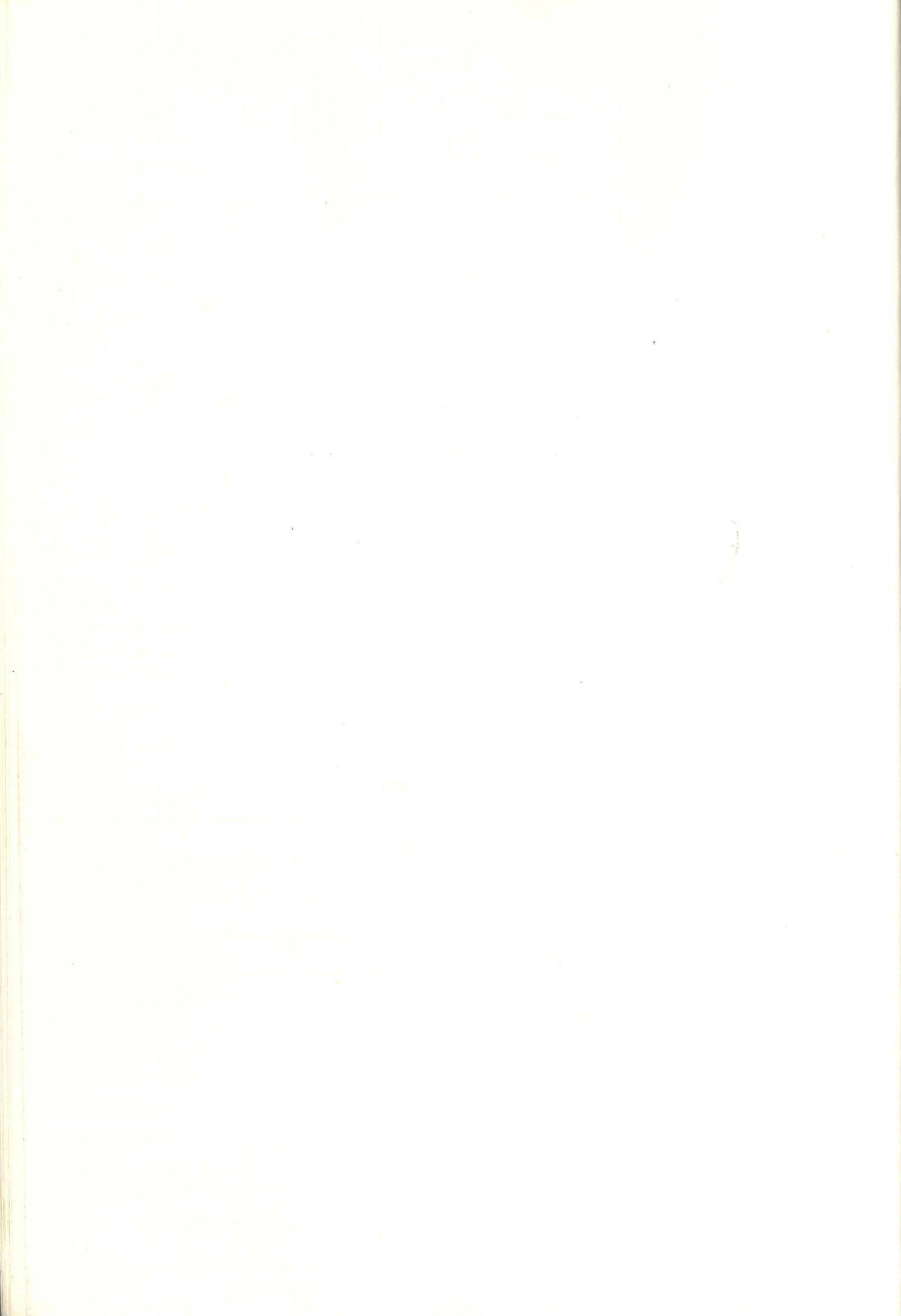
formas -  - um significado de parentesco ou um ensaio para aperfeiçoar a sigla antiga. Convém ter presente que as "chaves" aparecem muito frequentemente entre as siglas antigas (9).

Em Abade do Neiva aparecem também marcas em forma geométrica, sem leitura própria. Chamemos-lhe siglas analfabéticas. Assim, temos 53  (pequenos círculos) e 20  (quase pontos) (10); 37  (cruzes), espalhadas por quase todos os panos de parede e a diversas alturas; 11  (nó mal delineado); 2 duplas de cruzes pequenas inclinadas  ; 1 feixe  ; 1 cruz dentro de um círculo  , que deve ser da sagração da igreja; 1 espécie de oméga, que também aparece na Roménia(11)  ; uma dupla de cruzes  , etc. (Cf. quadros B e C). Algumas destas marcas parecem expressar um sentido mítico, apotropaico, como as cruzes, o nó. A cruz maior da dupla apresentada  , que aparece no Exterior Sul (Est. VIII), na fiada mais perto do chão e junto à porta de entrada, melhor se poderá chamar um grafito, de valor apotropaico, os chamados grafitos cruciformes, "frequentes junto das entradas das nossas igrejas e castelos medievais e podem ver-se, ainda hoje, nas paredes e nas ombreiras de muitas casas e moinhos das aldeias minhotas e também na Galiza" (12).

Perante os quadros apresentados, deparamos com um número limitado de artífices que trabalharam na obra. Podemos dizer que estiveram a preparar a cantaria - a única pedra siglada - cerca de uns dez pedreiros. Para além desses, há a contar com os que arrancavam e partiam a pedra, os assentadores e os mais especializados, que fizeram as pedras com desenho. Sobretudo estes, seriam diferentes, pois não marcaram os seus trabalhos.

2. 2 - Sentido da disposição

Nota-se que as siglas mais importantes (acima de 10) se encontram gravadas em todos os panos de parede da igreja de Abade do Neiva, mas são patentes certos "conjuntos" de determinada sigla. Há casos de ~~xxxx~~ fiadas em que



a mesma sigla aparece seguida umas quatro ou cinco vezes, interpondo-se por vezes uma estranha. A explicação poderá e deverá estar em que as pedras, desbastadas e aparelhadas nas "oficinas" localizadas, como hoje, nas imediações das pedreiras, fossem aí sigladas, e depois transportadas para a obra, aguardando a colocação nas paredes a levantar, conforme as descargas. Assim ficariam mais ou menos juntas as pedras de cada canteiro.

As pedras não têm comprimento igual: umas são mais do dobro das outras. É de crer que algumas fossem partidas na obra, a quando do assentamento na obra, por necessidade de articulação com as junções, dando origem a que já na primeira construção não ficassem marcadas todas as pedras. Uma análise global das Est. I-IX, em anexo, parece demonstrar isso.



### 3. - O QUE SÃO SIGLAS?

#### 3. 1 - Siglas, marcas de posse.

Datar-se um monumento arqueológico é assunto de máxima importância, pois se diz que a cronologia é a coluna vertebral da história. No entanto, como se sabe, a maioria dos monumentos não possui cronologia certa. Daí o interesse pelas siglas, essas marcas que podem ajudar a resolver a dificuldade, embora não constituam processo único e exclusivo.

As siglas são um género de marcas, símbolos parecidos com os usados nas varas do conselho de Rio de Onor ou na tábuca de Funen (13), servindo para identificar as pessoas, multas, cabeças de gado, etc.

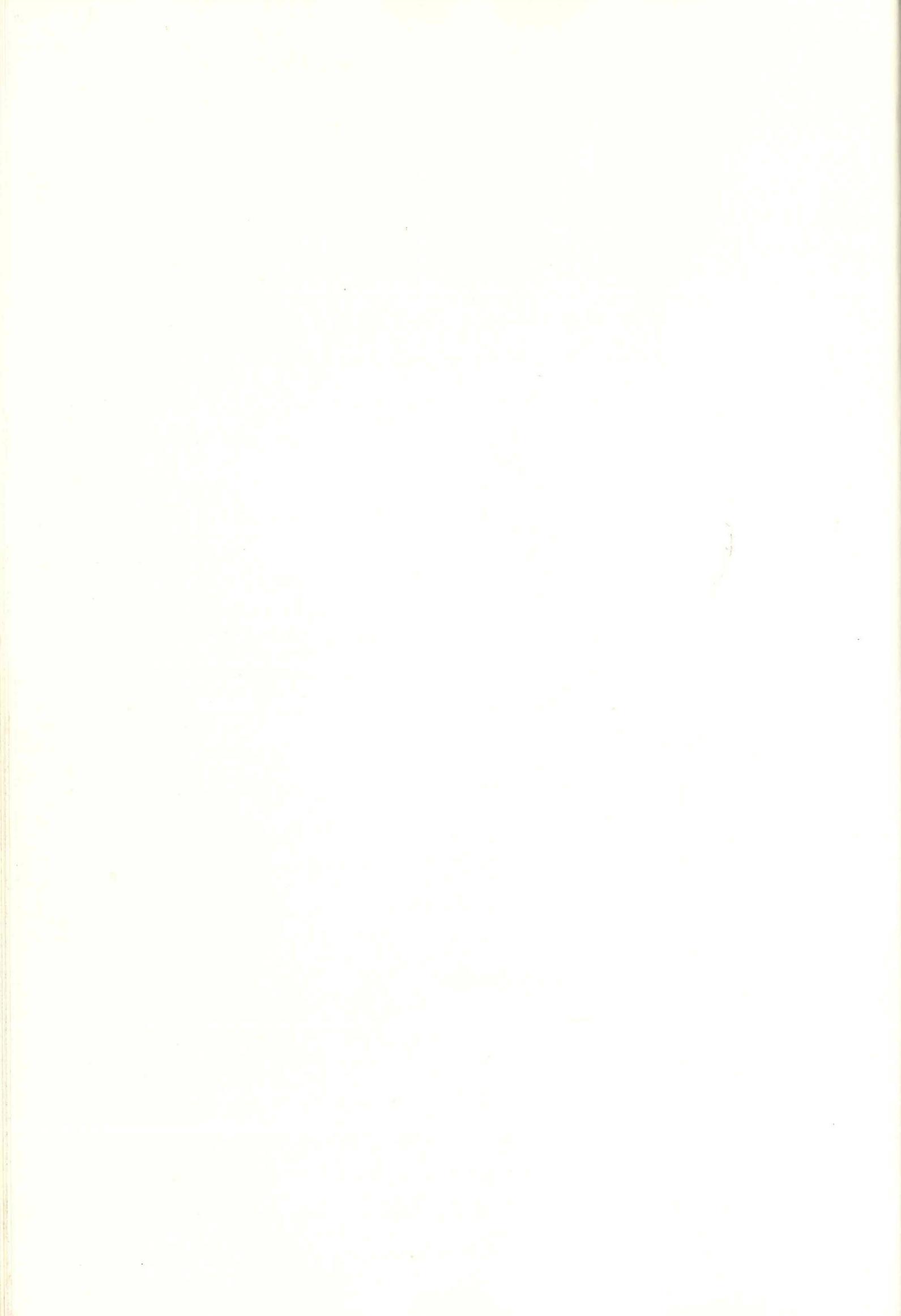
Predominantemente, as siglas são marcas de propriedade, existindo provas do seu uso desde os tempos mais afastados. Sabe-se que alguns oleiros da cultura dos castros fixavam a sua assinatura( alfabética ou não ) nas peças cerâmicas que produziam (14). São as marcas de artífice.

Ainda agora, nas sociedades mais fechadas, e até noutras, é costume marcar os chifres, as orelhas, as ancas, etc., dos animais que são pastoreados em comum, ou andam soltos em manadas pelo monte ou planície. Esta prática foi já seguida pelos pré-históricos (15). São as marcas de gado.

#### 3. 2 - As marcas dos pescadores.

As marcas que usavam, ainda há pouco tempo, diversos núcleos de pescadores (como micro-sociedades organizadas na base de certos princípios, para terem segurança e eficiência nas tarefas do mar), são marcas de posse (16).

As marcas poveiras são as mais conhecidas, as melhor estudadas e, talvez, as mais abundantes, já que a Póvoa foi um dos maiores e mais activos centros piscatórios do país. Colocam-nas os poveiros "nas velas, nos mastros, nas talas, nas fa-



11

cas de cortiça, nas redes, nos paus de varar, nos lemes, nos bartidoiros, nos boi-  
reis, nas mesas, nas cadeiras, em todos os objectos que lhe pertençam, quer no mar,  
na praia ou em casa(17). Não são marcas arbitrárias, conquanto correspondem ao  
"brasão" de família, que se herda; são igualmente uma espécie de "árvore genealó-  
gica", pois nelas se referenciam as relações de parentesco: o filho mais velho co-  
loca ao lado do "brasão" herdado um "pique"; o 2.º filho, dois "piques", o 3.º,  
três, e assim sucessivamente, enquanto que o filho mais novo herda o "brasão" tal  
e qual, sem o modificar em nada.

No dia do casamento, a marca era registada, gravando-se com a faca da corti-  
ça na cómoda da sacristia da igreja, podendo-se ver ainda agora na Matriz (18)  
( cf. Est. X, XI, XII e XIII). A marca acompanhava agora a pessoa até à morte,  
colocando-se também na cabeceira da campa do cemitério, gravada numa placa de ma-  
deira espetada na terra ou nas costas das lousas que mais tarde aí puseram, para  
identificar o pescador sepultado e lhe merecer sufrágios...(19).

A sigla do pescador era a assinatura dos que não sabiam ler nem escrever, que  
era a quase totalidade; e na loja (benda), o vendeiro escrevia a marca de cada  
qual para saber de quem eram os fiados.

Nas águas "arribadas", ou quando se ia cumprir promessa, ou a romaria, sobre-  
tudo quando tomava parte toda a companhia, escrevia-se a marca nas portas, mesas,  
etc., dos santuários visitados: Senhora da Bonança (Fão), Santa Tecla (La Guardia,  
Espanha), S.ª da Abadia, S. Bento da Porta Aberta, S. Torquato, S.ª da Guia, San-  
ta Cruz de Balasar, etc. Estas eram marcas de presença e testemunho público do  
cumprimento da promessa.



### 3. 3 - Registo e cronologia.

Estas marcas deveriam ser mais generalizadas na Idade Média.

Cada pessoa teria a sua. Aceitamos mesmo que o imposto de caritel ( a palavra, etimologicamente, vem de caractellum, diminutivo de character, que significa marca, sinal,) aponta para isso. Segundo Paulo Merêa, o caritel expressava o direito de autoridade (real ou senhorial), - denotando a existência de sinal ou selo de autoridade - e pagava-se como pena, por falta cometida contra essa autoridade(20). Talvez fosse antes, julgamos, o imposto que se pagava no acto do registo da sigla individual, e não um imposto penal.

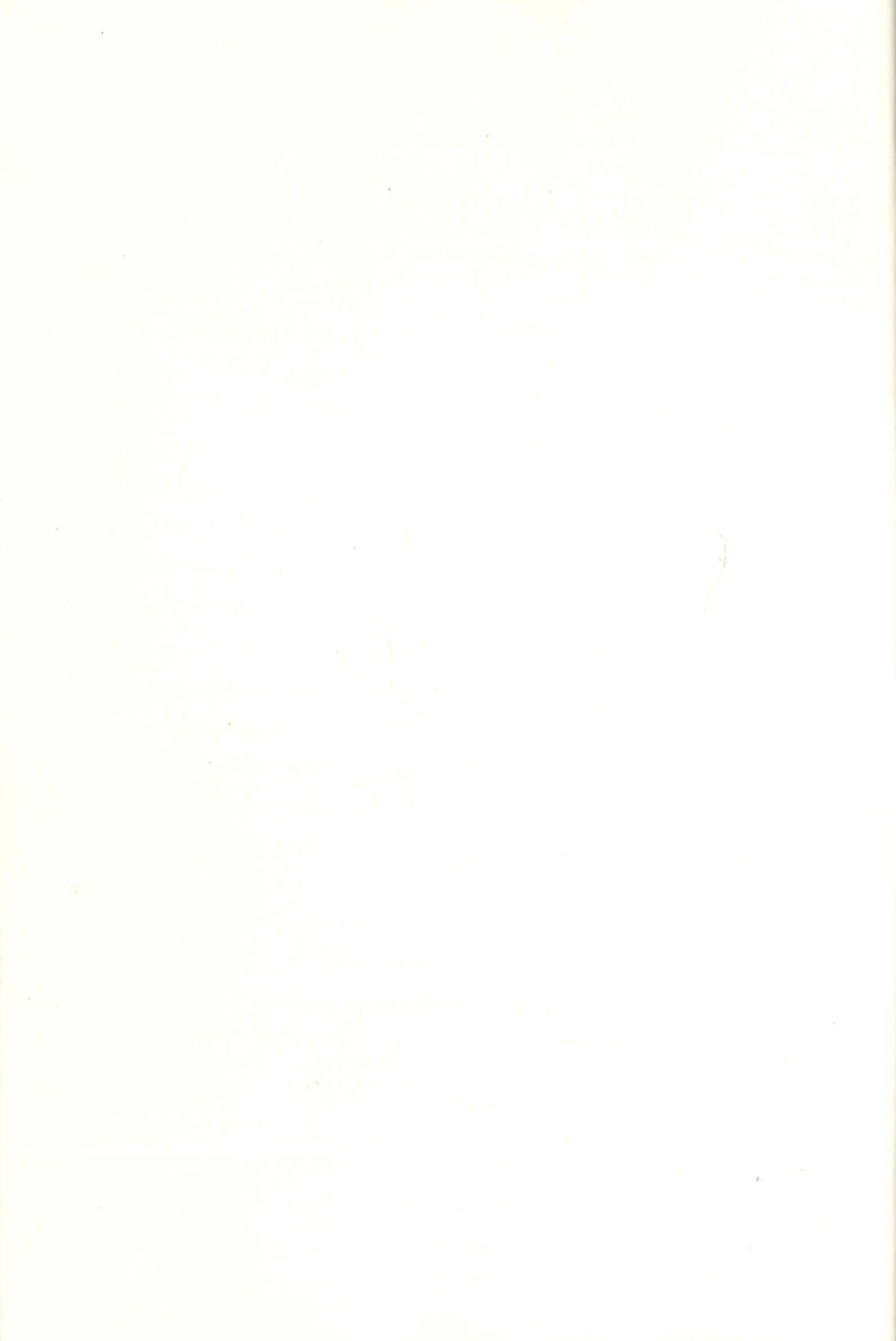
A isso nos inclina a determinação do Concílio de Compostela, de 1112, mandando que todos registassem publicamente as suas marcas pessoais, os seus caracteres, pois de outro modo não teriam valor (21). Então, o registo não se faria, como entre os poveiros, nas mesas da sacristia e no dia do casamento, "um pouco à revelia do clero" - mas teriam de ser autenticadas pela entidade pública, registando-se depois em móvel, paredes, portas da igreja local (para conhecimento da comunidade), na casa onde reunisse o conselho, ou já em livro, nas sociedades mais adiantadas.

Estes sinais individuais, a que se deveria atribuir certa virtude apotropáica, como se deduz da simbologia apresentada (a cruz, o nó, o círculo...), de que Abade do Neiva é mais um exemplo, (22), decorados depois com outros adornos significativos, estarão na origem dos brasões das famílias nobres, dos selos e sinais dos tabeliães do reino, das marcas dos ourives, etc.

As siglas dos monumentos medievais são marcas gravadas pelos pedreiros, nas pedras aparelhadas, para indicarem o artífice, semelhantes, na origem e na função, àquelas de que já falámos. São marcas de artífice.

Embora já existissem siglas no mundo romano, elas usam-se sobretudo nos fins da Idade Média. Na Alemanha, aparecem pelos meados do século XII; na França, pelos fins desse século; na Romênia datam-se do século XIII, excepto quanto aos monumentos cistercienses.

Em Portugal observa-se o ritmo da Europa. Encontram-se siglas já na Sé Velha de



112

Coimbra (meados da segunda parte do século XII). Antes, a não ser nas abadias cistercienses, são raras. Tornam-se muito frequentes no século XIII, embora alguns monumentos dessa época as não apresentem. Nos edifícios civis e militares do século XIV e XV são abundantes entre nós e lá fora. Quase desaparecem a partir do século XVI(23). No entanto, podemos estabelecer como limites mais amplos, que as siglas se usaram por toda a Europa desde o século XI até ao século XIX(24)

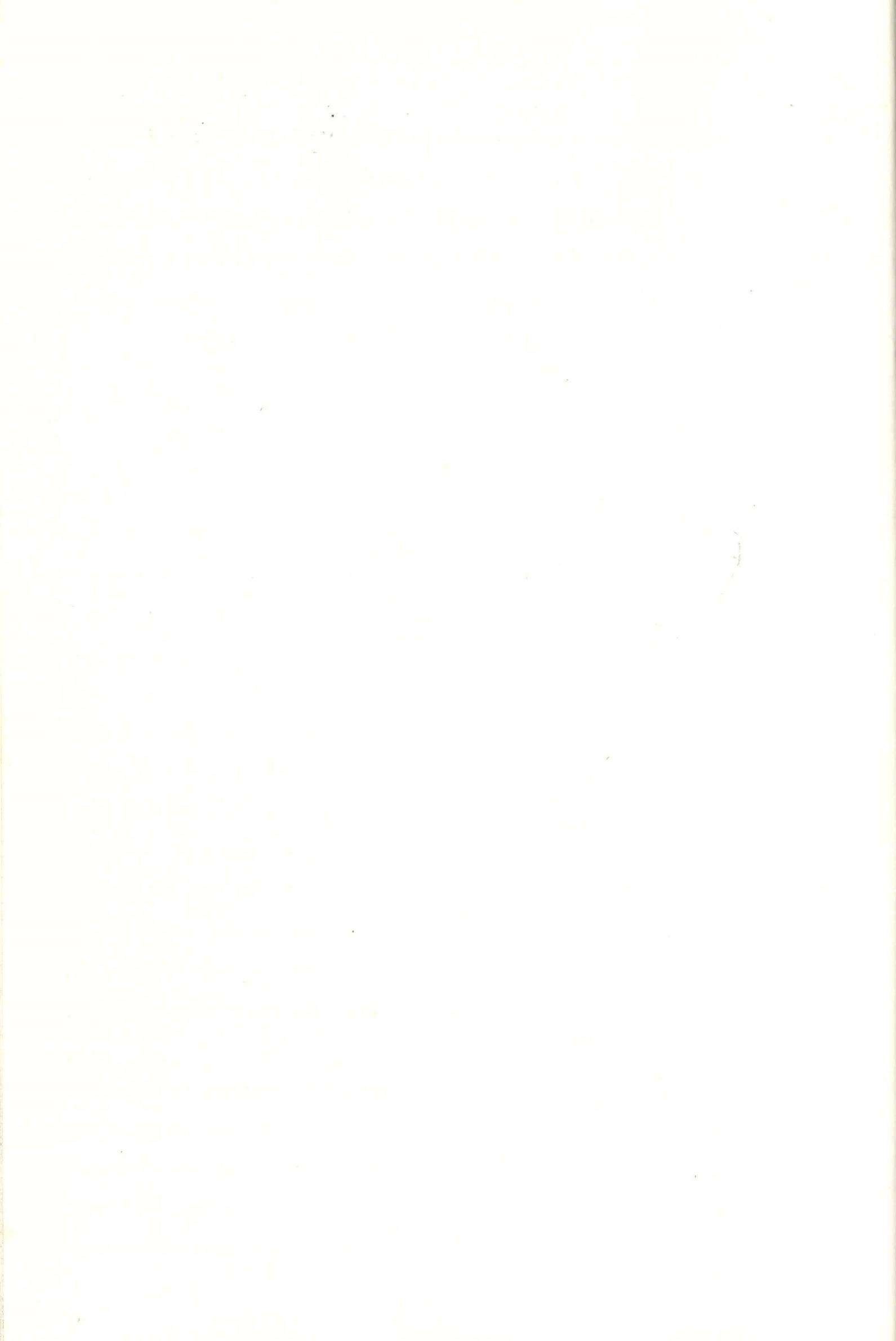
### 3. 4 - Finalidade.

As siglas poderão ser um número de ordem ou sinal de colocação. - marcas de posição - para mais fácil assento das pedras no lugar próprio para que foram talhadas. Ainda hoje os canteiros usam sinais semelhantes, sobretudo pinta dos a "zarcão". Este tipo de marca, identificado lá fora, v.g. em Lyon, em Reims, está dissimulado no interior da construção. Não são conhecidas entre nós tais marcas.

Deveriam fazer-se, então, as siglas em ordem à contabilização do trabalho de cada artista, para fins de pagamento. Nalguns casos poderiam ter-se feito pelo gosto e tradição enraizados nos espíritos dos canteiros ou dos mestres.

Estes canteiros que siglavam as pedras, deveriam ser pagos não em função do tempo de trabalho mas da obra que fizessem. Assim se entende que, em Abade do Neiva, só existam siglas nas pedras lisas, tipo corrido, que são a maioria. As mais trabalhadas, como arcos, portas, frestas, etc., que exigem tempo desigual e maior especialização, não têm marcas. Julgamos ainda que estes trabalhos mais perfeitos se fizessem junto da construção.

Não tem razão Madeleine Winckel ao afirmar que em Portugal os pedreiros só ganham a dia e não em relação com as peças trabalhadas. Não vai há muito tempo que a grande percentagem de muros, de paredes de casas, se tratava a "braça" ou a metro. Quando a qualidade do trabalho não tinha diversificações, tipo corrido, a tradição era de pagar em função da obra feita e não pelo tempo. Sendo assim,



17

e havendo diversos canteiros a trabalhar na mesma pedreira ou obra, se cada qual recebia pelo que fizesse, era preciso diferenciar o que pertencia a cada um. Daí a necessidade das marcas. Como consta do documentação da época referente à Alemanha, também entre nós deveria o pedreiro, no início do trabalho, receber ou combinar com o mestre a sua sigla (25).



4 - BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a arquitectura da igreja de Abade do Neiva nos sugere, como data de construção, a primeira metade do século XIV (26) e se as siglas deste templo são predominantemente também do século XIV, embora já apareçam nos finais do XIII, então a cronologia deste monumento está mais ou menos definida, pois o binómio arquitectura-siglas aponta para uma datação que engloba os fins do séc. XIII e primeira metade do séc. XIV.

Outro dado que nos indica essa cronologia é a presença do , epigraficamente desse tempo (27). Esta sigla faz parte de uma provável data, gravada no arco-sólio existente no pano Exterior Sul, (Est. VIII), data que poderá corresponder a 1350. No entanto, porque algumas pedras estão muito estragadas, cheias de fracturas provocadas pelo salitre, a leitura não é garantida. Mas não deve andar muito longe disso, atendendo a que a data seria gravada posteriormente à construção do edifício, na altura da inumação da pessoa para quem o túmulo foi preparado, e fazendo a correcção da era. Dá-nos também os princípios do séc. XIV.

Como já referimos, as siglas da igreja de Abade do Neiva, na sua grande maioria, são alfabéticas, muito regulares, muito simples e, em alguns casos, bem desenhadas, principalmente o P e o S. Templo relativamente pequeno, aqui trabalharam, para além da dezena que siglava as pedras, mais alguns, talvez num total de 15-18 artistas. Porque as mesmas siglas estão mais ou menos espalhadas por todos os panos de parede, seriam os mesmos homens a trabalhar desde o princípio ao fim das obras, havendo, porém, a possibilidade de se terem erguido um pouco as paredes da Frente e da Traseira, para dar mais água ao telhado. (a)

(a) Agradeço a colaboração dos Dr. Carlos Boechard e eng. João Lemos, quando a pesquisa das siglas e ordenação dos desenhos.



## N O T A S

- 1 - TEOTÓNIO DA FONSECA, Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado, I, Barcelos, 1948, pag. 45-46.
- 2 - IDEM, idem, pag.47.
- 3 - FERREIRA DE ALMEIDA ( Carlos Alberto), Arquitectura Românica de Entre Douro e Minho, II, Porto, 1978, pag.172-173.
- 4 - IDEM, idem, pag. 174.
- 5 - TEOTÓNIO DO FONSECA, op. cit., pag. 48.
- 6 - A sacristia é toda da última restauração. Vêem-se nela sete siglas de pedras reutilizadas. Na entrada da sacristia para a capela-mor existe, no pavimento, uma pedra siglada, também da última restauração.
- 7 - FERREIRA DE ALMEIDA (Carlos Alberto), op. cit., pag. 46.  
WINCKEL (Madeleine A. Van de), Introduction Sommaire à l'Etude des Signes Lapidaires de Roumanie, in Pagini de Veche Arta Romanâsca, Bucaresti, 1970, pag. 188.
- 8 - Idem, idem, pag. 245 e C. A. Ferreira de Almeida, op. cit., pag. 43.
- 9 - FERREIRA DE ALMEIDA (C. A. ), op. cit., pags. 40 e 49.
- 10 - Estas siglas aparecem também na Roménia. Cf. WINCKEL, op, cit. pag.194 e 209.
- 11 - WINCKEL, op. cit., pag. 184-185 e 223.
- 12 - FERREIRA DE ALMEIDA (C. A.), op. cit., pag. 39.
- 13 - FILGUEIRAS (O. Lixa), Àcerca das Siglas Poveiras, in Lucerna - Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia, V, Porto, 1966, p pag. 678.
- 14 - FERREIRA DE ALMEIDA (C. A.), Cerâmica Castreja, sep. do Vol. LXXXIV da "Rev. de Guimarães, 1975, pag. 22.
- 15 - CORTESÃO (Jaime), cit. de FILGUEIRAS (O. Lixa), op. cit. 674, nota 20.
- 16 - Constata-se o uso destas marcas entre os pescadores da Póvoa de Varzim, Aguçadoura, Fão, Viana do Castelo, Âncora, Buarcos, Valbom, Sesimbra, Galiza, etc. Cf. FREIRE (Osvaldo), Algumas considerações sobre a existência de "marcas



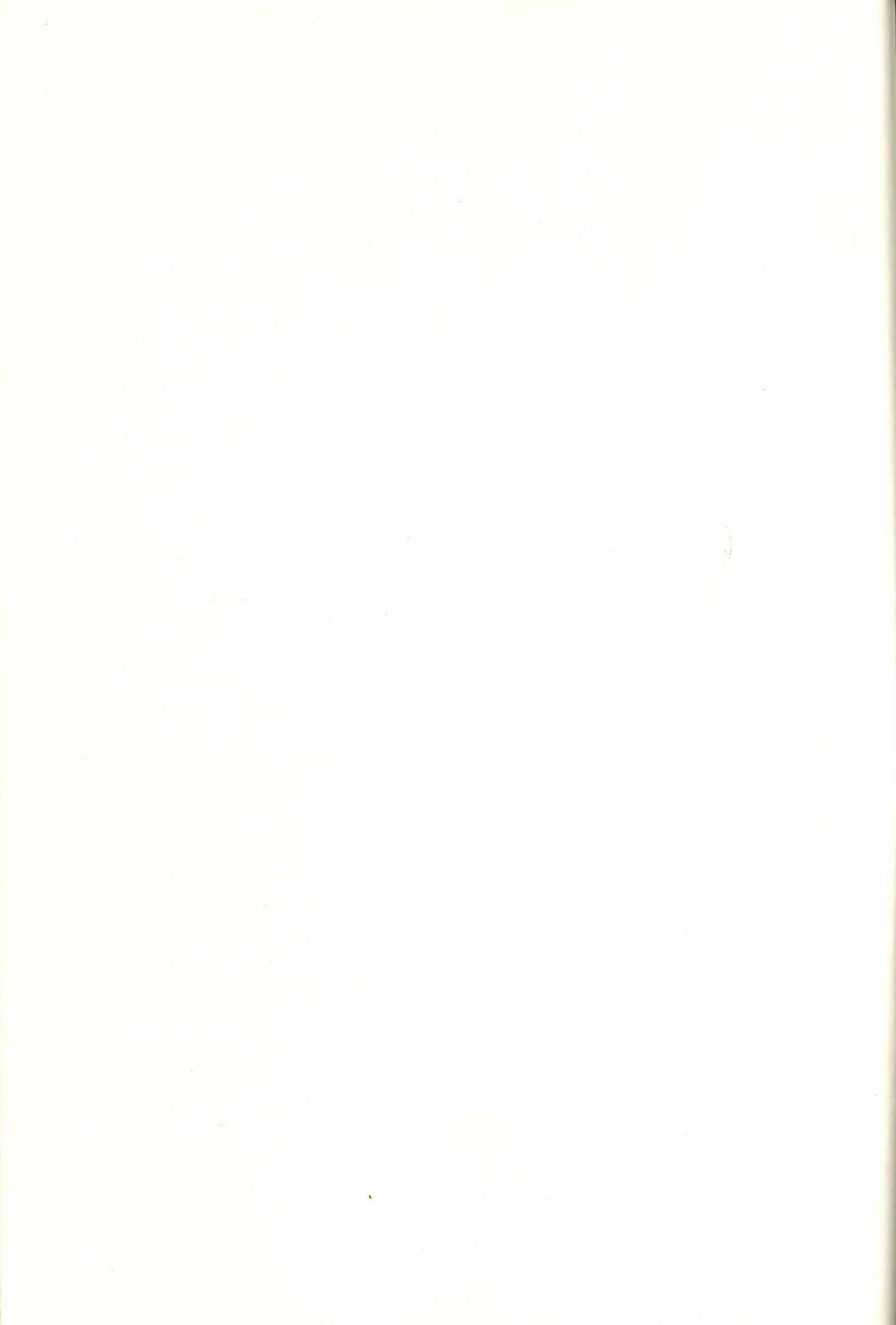
poveiras"em Fão, in Bol. Cultural da Póvoa de Varzim, VI, Nº1, 1967, p.7.

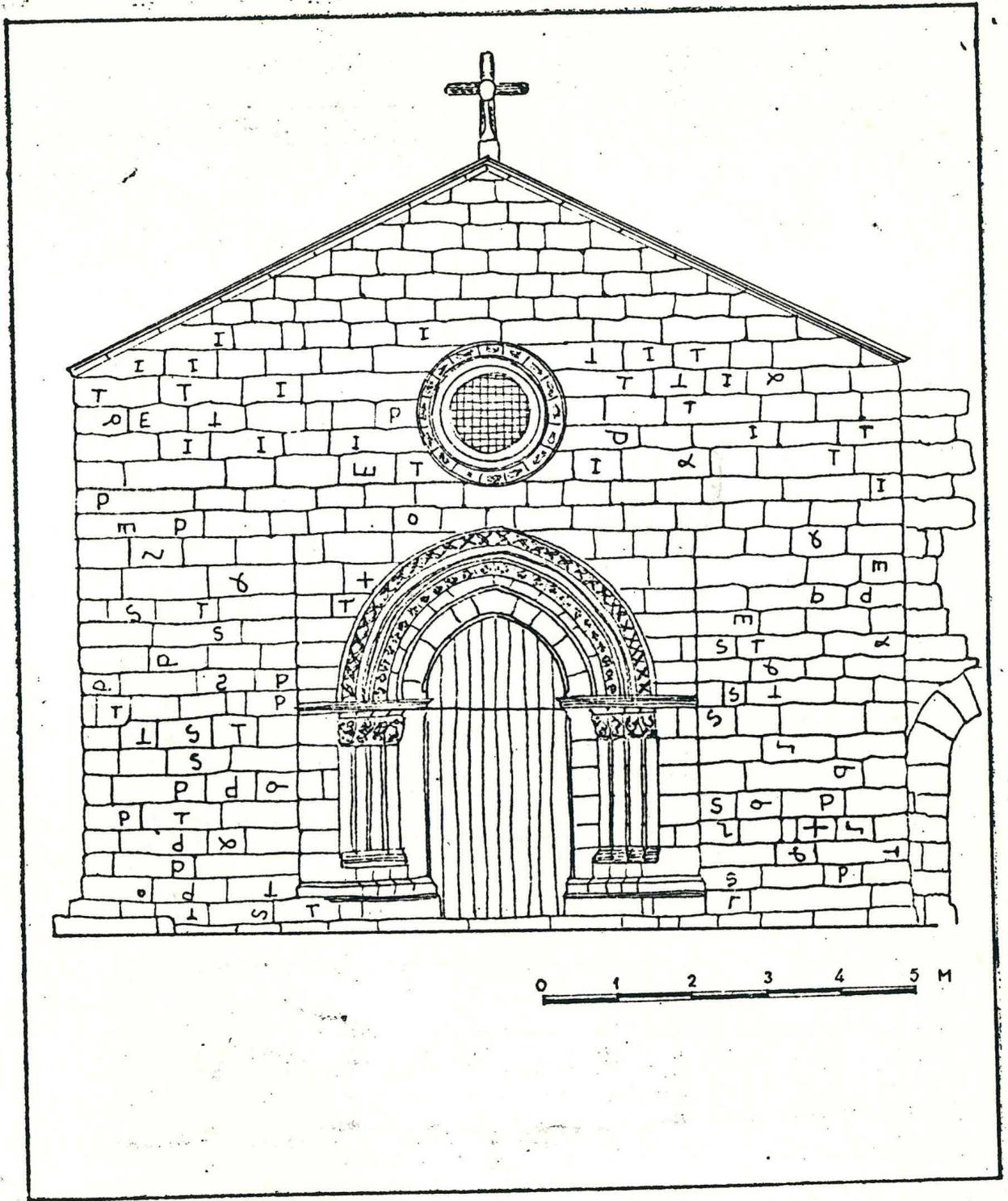
- 17 - GRAÇA (A. Santos), O Poveiro, Ed. do Autor, Póvoa de Varzim, 1932, pag. 23.
- 18 - Há também siglas na sacristia da igreja da Lapa e existiram na igreja da Misericórdia, que serviu de Matriz até 1757. Cf. GRAÇA (A.S.), op, cit. p.31.
- 19 IDEM, idem, pag. 182.
- 20 - ESPINOSA (Nuno), Caritel, in Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Verbo, IV. Lisboa, 1966, pag. 1067.
- 21 - FERREIRA DE ALMEIDA (C. A.), Arquitectura Românica do Entre Douro e Minho, op. cit. , pag.38.
- 22 - Lixa Fêlgueiras é de opinião que as siglas das marcas pessoais dos poveiros não têm sentido mítico, reservando este para as divisas (marcas dos barcos). Cf. esse autor, op. cit. , pag. 669-675.
- 23 - FERREIRA DE ALMEIDA (C. A. ), op. cit. pag.46.
- 24 - WINCKEL (Madeleine A. Van de), op. cit. pag. 177.
- 25 - Idem, idem, pag. 176 e FERREIRA DE ALMEIDA (C.A.), op, cit., pag. 46



B I B L I O G R A F I A

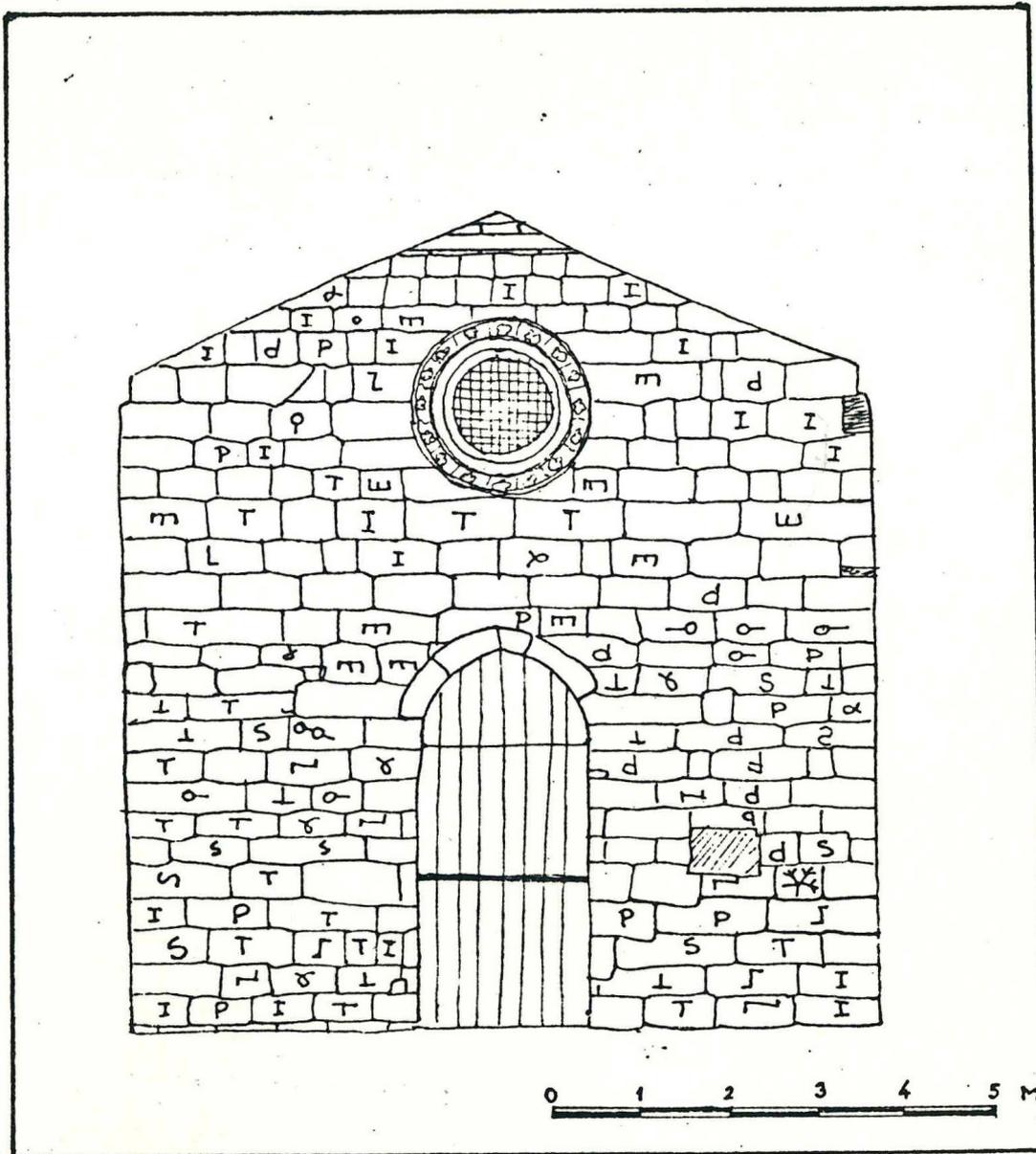
- 1 - ESPINOSA (Nuno), Caritel, in Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Verbo, IV, Lisboa, 1966.
- 2 FERREIRA DE ALMEIDA (Carlos Alberto), Cerâmica Castreja, sep. do Vol. LXXXIV da Rev. de Guimarães, 1975.  
Arquitectura Românica de Entre Douro e Minho, 2 vols., Pcto, 1978.
- 3 - FILGUEIRAS (O. Lixa), Acerca das Siglas Poveiras, in Lucerna - Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia, V, Porto, 1966.
- 4.- FREIRE (Osvaldo), Algumas considerações sobre a existência de "marcas poveiras" em Fão, in Bol. Cult. da Póvoa de Varzim, VI, N.º1, 1967.
- 5 - GRAÇA (A. Santos), O Poveiro, Ed. do Autor, Póvoa de Varzim, 1932.
- 6 - TEOTÓNIO DA FONSECA, O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado, 2 vols., Barcelos, 1948.
- 7 - WINCKEL (Madeleine A. Van de), Introduction Sommaire à l'Étude des Signes Lapidaires de Roumanie, in Pagini de Veche Arta Romaneasca, Bucaresti, 1970.



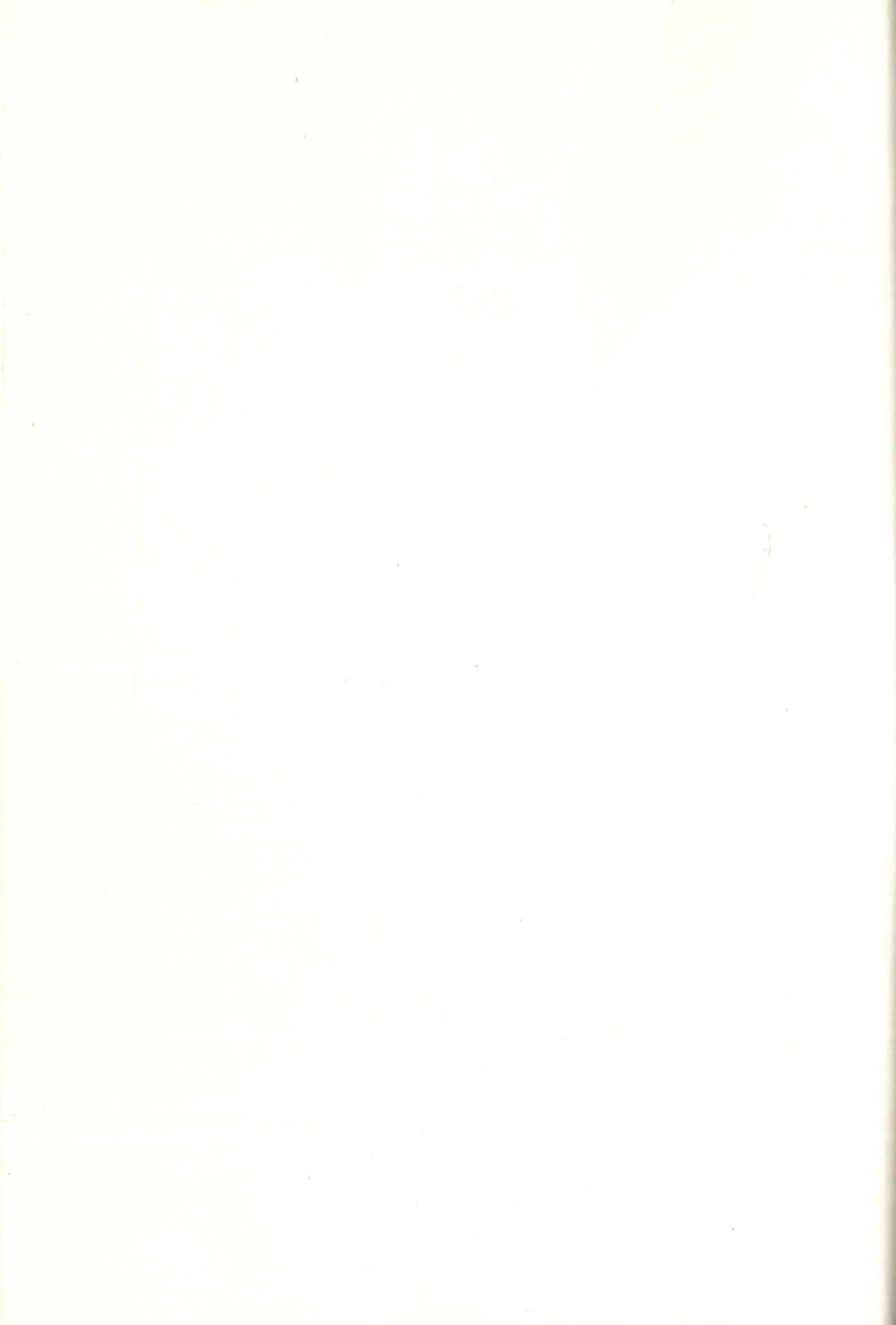


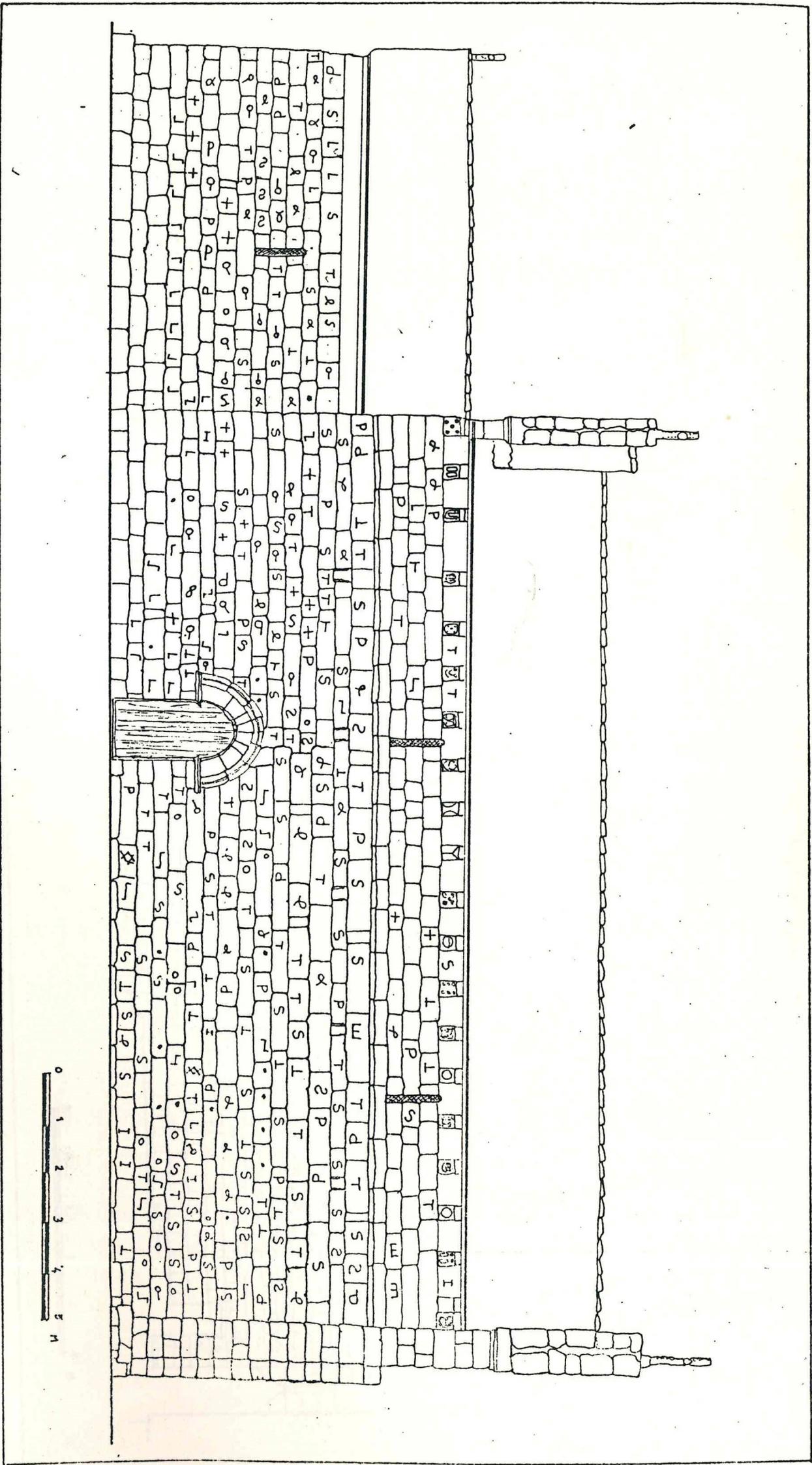
Frente Exterior





Frente Interior

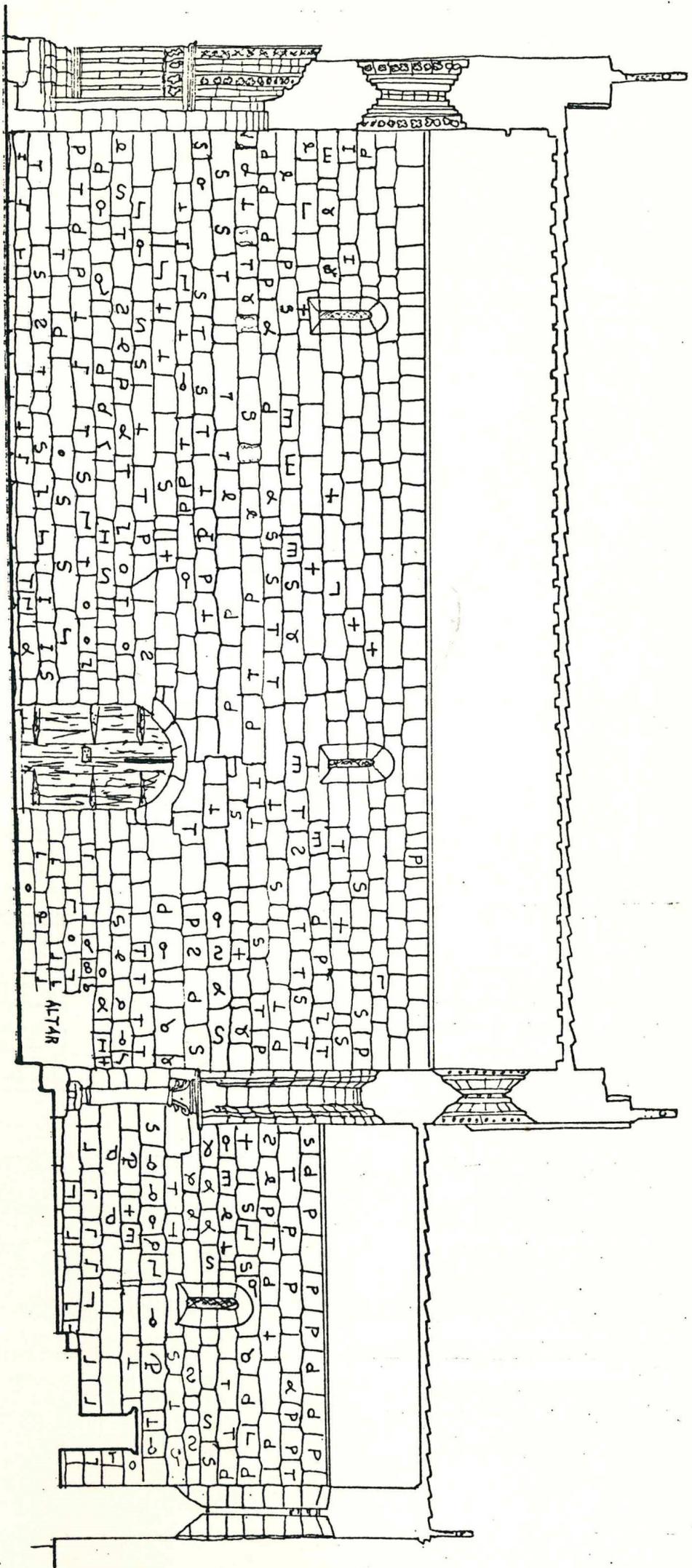




Exterior Norte



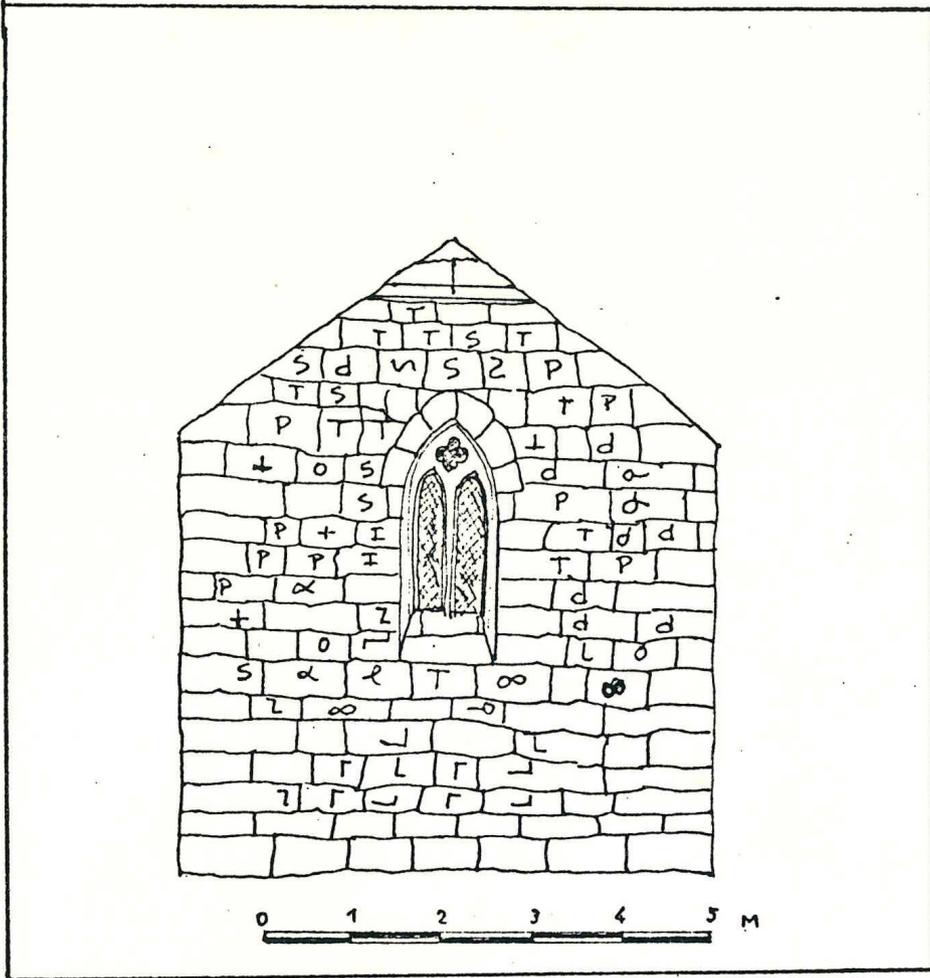
Interior North



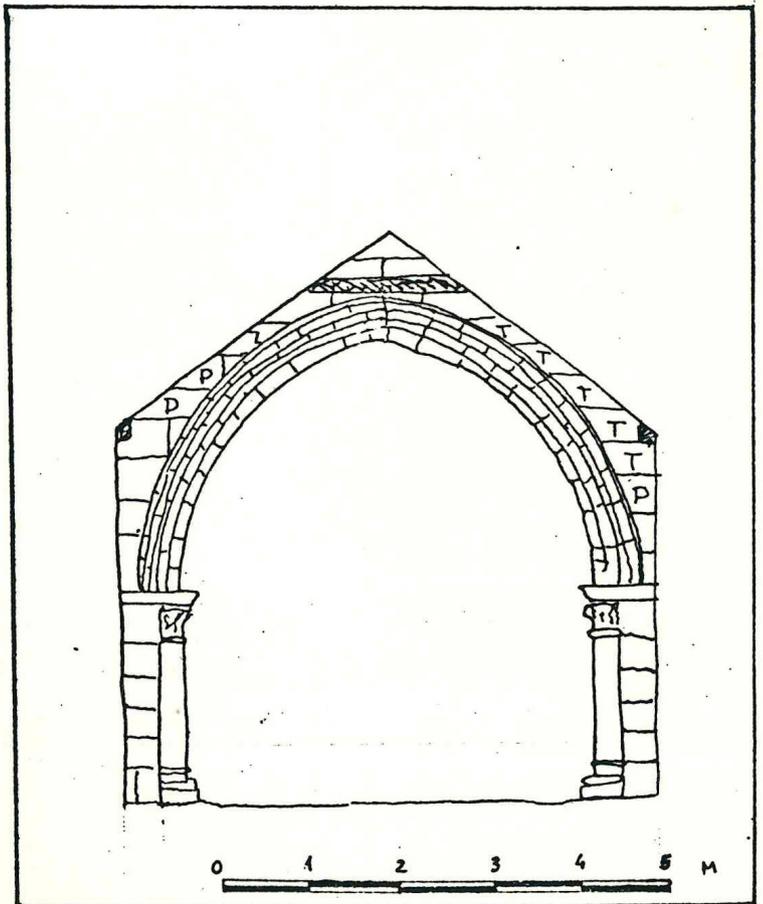






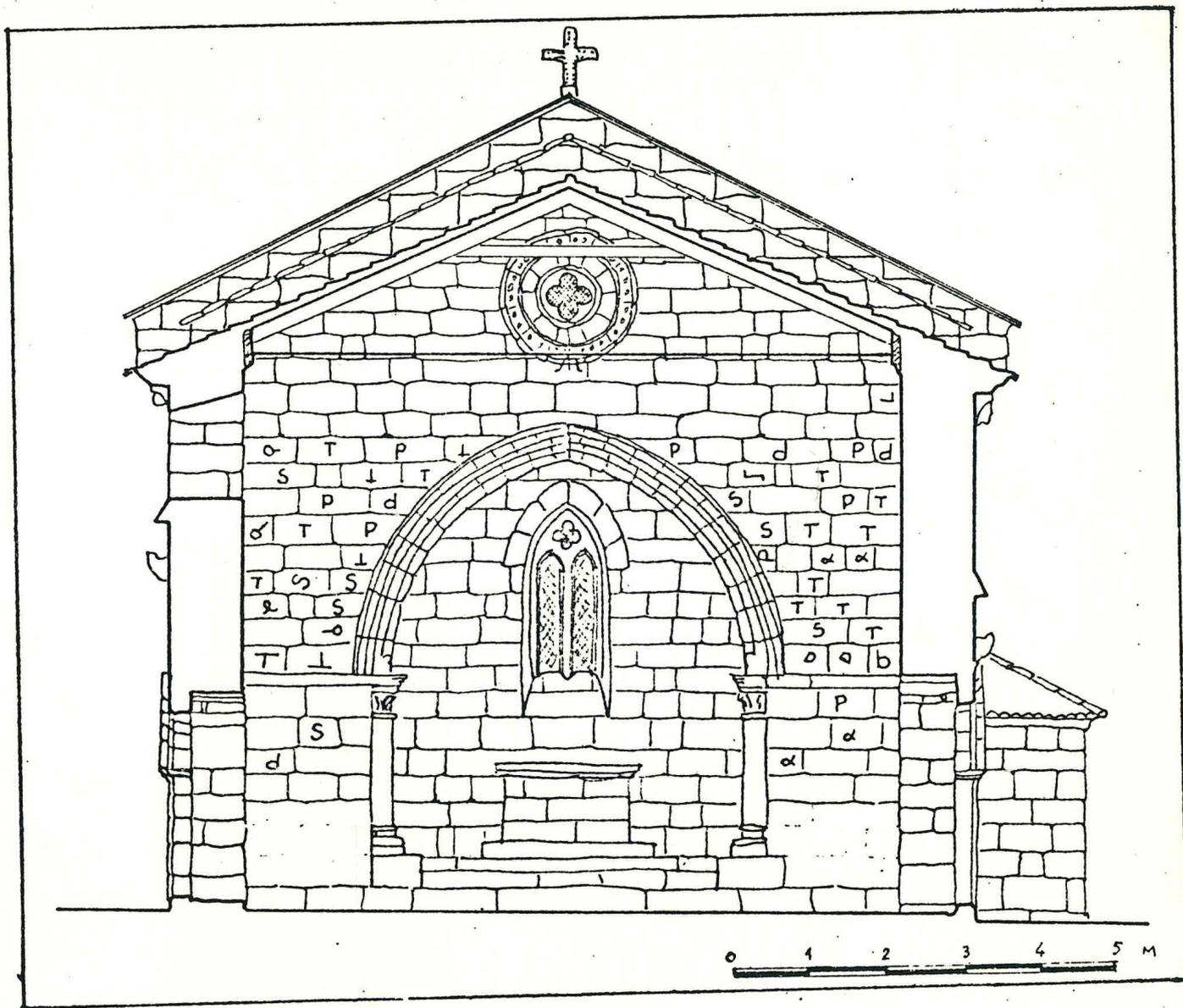


Traseira Interior - Capela-mor



Capela-mor - Interior oeste

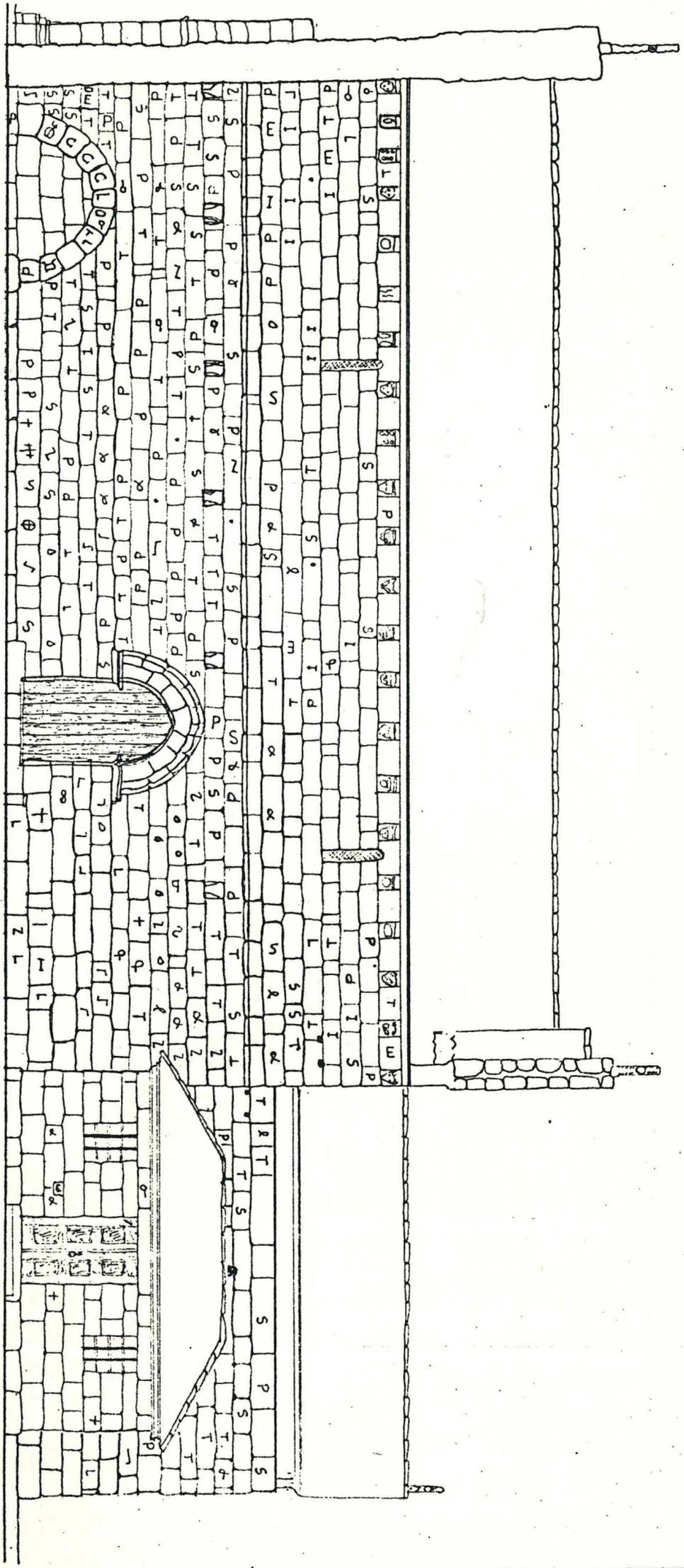




Corte Transversal pela Nave

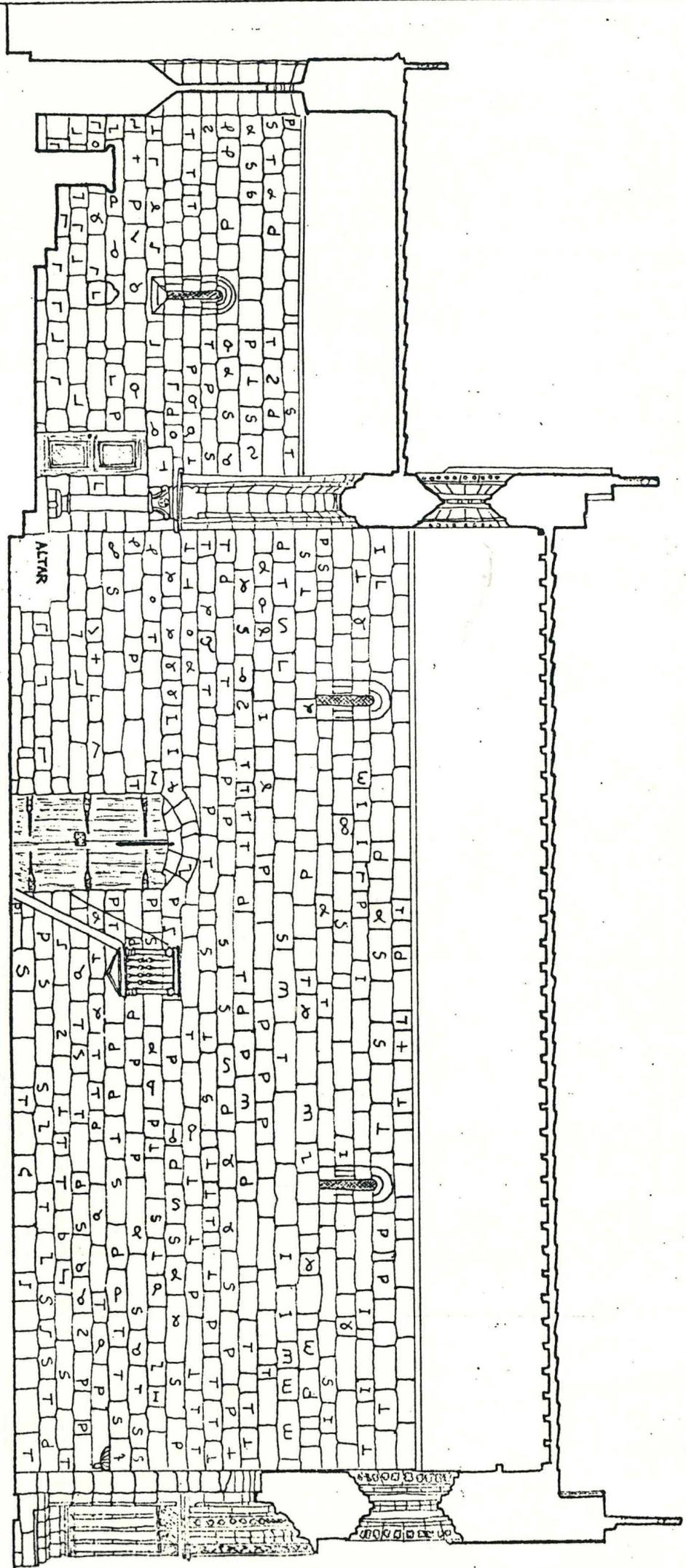


Exterior Surt





Interior Sul





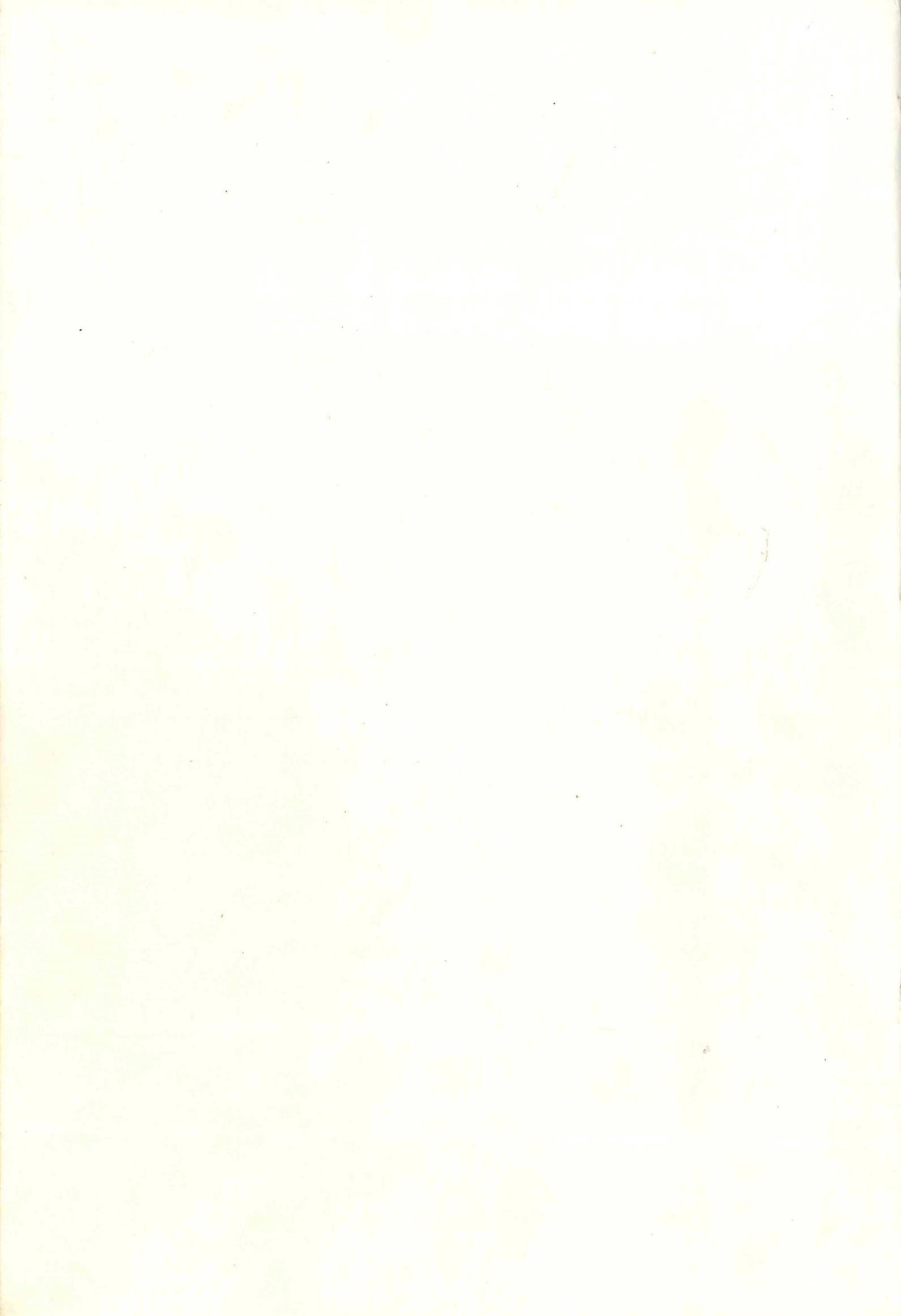














biblioteca  
municipal  
barcelos



12985

As siglas da Igreja Medieval de  
Abade do Neiva, Ba